

# Imundície não tem ideologia

GUILHERME SOARES  
Editor de Cidade

**E**stive no Rio na primeira semana de outubro de 1985. Saturnino Braga, Medlna, Jorge Leite, todos em campanha. Agradável surpresa: a cidade estava limpa. Lá, o juiz eleitoral não brincou em serviço, usou da autoridade e disciplinou a campanha. Ninguém podia sujar nada, sob pena de pesadas multas.

Brasília, capital federal, está suja, emporcalhada. E a sujeira não tem distinção ideológica. Da direita à esquerda — principalmente esta —, partidos e candidatos adoram pichar. Até Paulo Timm, de supostas idéias progressistas, professor universitário, tem o seu nome a imundar viadutos.

Deve ser uma espécie de prazer lúbrico, a dominar aqueles que, numa compulsão doída, querem ver seu nome conhecido do eleitor. Imagino que esses porcalhões, todos em busca de um mandato ou cargo público em novembro, acreditam que o uso indiscriminado de grafite rende votos. Pura ilusão, análio eu, que nunca votei mais conheço uma legião de eleitores que tem a mesma aversão aos pichadores.

Recordo também outro episódio, este na campanha paulista de 1982, quando o diretor do Museu de Arte de São Paulo, Pietro Maria Bardi, desesperado com as pichações sobre o prédio de concreto aparente que abriga valiosa pinacoteca (entre outras coisas), teve genial idéia. Bardi, depois de gastar uma fortuna com o trabalho diário de limpeza das paredes externas do Masp, munuiu-se de broxa e tinta e pintou um tremendo "merda" sobre os slogans e nomes dos sujeitos. Deu certo e foi um tremendo sucesso em São Paulo.

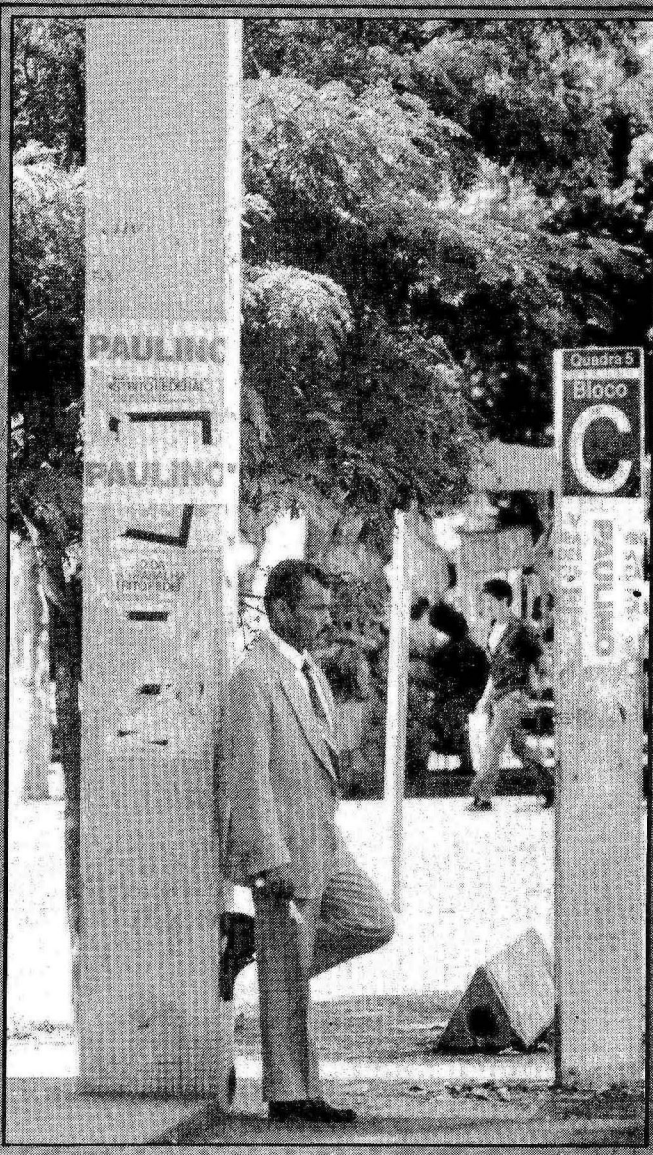
A sujeira política em Brasília me faz, ainda, temer o nível da campanha a ser deflagrada dentro de pouco tempo. O que esperar de candidatos que se comportam assim? Sofro calafrios ao pensar na propaganda política a ser ve-

culada gratuitamente na televisão. Tenho pesadelos onde um Lago Paranoá cheio de leite está tomado por imensos chapéus flutuantes.

Brasília, "capital do futuro", como gostam de dizer os governantes (qualquer que sejam), precisa de políticos modernos, se é que são neces-

sários mesmo. Mas onde eles estão?

Capital ou não, Brasília é um mosaico do País. Ilusões à parte, teremos representantes nem melhores nem piores do que os eleitos nas outras unidades da Federação. Uns honestos, outros velhacos, corruptos. E sujeitos.



Eleitor nenhum gosta de sujeira, em casa ou na rua